

Bernard Marchand
O Urbanismo Francês
*Marta Modesto**

Durante a minha estadia no presente ano lectivo no Instituto Francês de Urbanismo surgiu a oportunidade de poder entrevistar o Prof. Doutor Bernardo Marchando.

Bernard Marchand, Professor do Instituto Francês de Urbanismo (IFU) da Universidade de Paris VIII com o pelouro das relações internacionais para os países desenvolvidos, é portador de uma enorme experiência em Urbanismo em consequência de vários trabalhos que executou em diversas regiões dos Estados Unidos da América, Canadá, Brasil, Itália, etc., e do desempenho de funções universitárias na qualidade de docente em inúmeros estabelecimentos de ensino superior destes países, tendo também vivido vários anos na Venezuela, onde leccionou em Caracas na respectiva Universidade.

Marta Modesto: Actualmente que tipo de relações existem entre o IFU e outras instituições estrangeiras?

Bernard Marchand: *Participamos no programa Erasmus com as Universidades de Oxford, Newcastle, Berlim, Veneza, Madrid (Carlos III), Aveiro e Roma, mas também temos outro tipo de contactos, por exemplo com Istambul, de onde recebemos recentemente estudantes Turcos, e com a Rússia em regime de forenship. Actualmente uma estudante romena frequenta as nossas aulas e vamos receber uma estudante da Polónia.*

MM: A relação que existe com Portugal, em especial com a nossa Universidade pode ser melhorada?

BM: *Sim, nós recebemos muitas pessoas. Estiveram cá dois estudantes portugueses de Aveiro, no ano passado. Este ano um estudante francês vai lá frequentar as aulas. E temos vocês, duas portuguesas! Mas não é muito vulgar.*



MM: Como é que os contactos com a nossa Universidade podem resultar num contrato Erasmus?

BM: *Tenho a impressão que é um pouco tarde, pois o projecto Sócrates deste ano foi feito o ano passado, e não temos muitas relações com Portugal. Pois agora em vez de relações entre Institutos será entre Universidades, o que eu acho absurdo, estúpido e perigoso, por isso penso que não haverá probabilidade de grandes relações com Portugal, a nível do programa Sócrates.*

MM: Nem com Aveiro?

BM: *Não, acho que não será aceite por Bruxelas. Não sei, nós fizemos um pequeno projecto. Posso acrescentar algo: tem que se diferenciar duas coisas, o lado científico e pedagógico, e a parte financeira. Para esta última tenho poucas esperanças, para o outro lado a relação é bastante fácil e nós estamos abertos a qualquer tipo de contactos. Para receber ou mandar estudantes. Fora do programa Sócrates poderá ser bastante mais fácil ter relações com outras Universidades.*

MM: O que é que os estudantes podem ganhar com o intercâmbio com outras universidades em outros países?

BM: Aprender uma língua estrangeira, ideias diferentes e um modo diverso de ensino é extremamente importante e é uma experiência diferente. É muito bom receber ideias do exterior e é saudável.

MM: Há quanto tempo é ensinado Urbanismo em França?

BM: As primeiras conferências foram em 1900, no tempo do poeta Marcel e das pessoas seguidoras de Haussman (1920), mas os primeiros Institutos vieram só após a 2ª Grande Guerra Mundial, nos anos 40. Mas a seguir à guerra houve um Instituto que se transformou no de Creteil e depois apareceram mais institutos. Por isso pode dizer-se que se ensina Urbanismo à cerca de 50 anos.

MM: Como é que vê o Urbanismo Francês?

BM: Temos que considerar duas atitudes. A que chamamos Urbanismo. Nas cidades francesas a preocupação geral é praticamente apenas gerir terrenos públicos, terrenos onde se pode construir e coisas do género. Neste Instituto ensinamos gestão urbana, através dos problemas financeiros, sociais, ecológicos, de circulação, etc., pelo que penso que o que fazemos aqui é mais certo e útil do que o que se faz nas cidades. Outra questão que se levanta é que os planeadores de raiz urbana universitária, isto é, cuja preparação básica é dirigida especificamente para o Urbanismo, estão completamente em crise face à concorrência dos arquitectos, engenheiros e administrativos, cuja profissão diz respeito a campos diferentes, não sendo a sua aptidão para a resolução dos problemas urbanísticos propriamente adequada. Logo torna-se difícil para os planeadores urbanos abrir caminho, arranjar emprego e tornarem-se conhecidos. São muito poucos e os seus concorrentes estão espalhados por todo o lado. Isto constitui um grande problema para os planeadores urbanos.

MM: Pode dar-me um exemplo prático de Urbanismo (planeamento urbano de sucesso e outro de fracasso praticado em França?)

BM: Acho que uma das vantagens do planeamento francês é as grandes estruturas que se criaram como a ZAC (Zone Amenagement Concerté), que é bastante subtil e dá a possibilidade de obter conjuntamente dinheiro público e privado, obtendo resultados com este investimento. Acho que isto é bastante interessante. E França tem bastantes exemplos de como a ZAC funciona bastante bem. Falhanços posso dar imensos. Mas penso que o pior é a corrupção, é um domínio muito grande para obter dinheiro para os partidos políticos, e depois a demagogia. Por exemplo os presidentes das câmaras no desejo de usar e



tornar a terra mais rentável através de esquemas pouco benéficos para a população em geral.

MM: Acha que o caso das cidades novas da Ilha de França é um exemplo de sucesso?

BM: Penso que sim. Em todas estas cinco novas cidades têm pouco mais que um milhão de habitantes. Penso que é melhor para os seus habitantes estarem em cinco novas cidades do que nos subúrbios de Paris. Mais ou menos um exemplo de sucesso. O maior problema da Ilha de França é não ter um único centro de planeamento. Pois existem imensas “Câmaras” neste espaço, com diferentes objectivos. Eu penso que havia necessidade de um único centro administrativo para a Ilha de França. O que é quase impossível, pois o Presidente deste centro teria quase mais poder que um Ministro. É tudo uma questão política.

MM: Nos anos 70 investia-se imenso em grandes projectos, como por exemplo o Languedoc-Roussillon e L'ile-de-france. Actualmente também se investe tanto dinheiro em projectos similares em França?

BM: Diria que não, pois o Estado tem muito menos dinheiro e menos poder, e a política seguida consequentemente é bastante diferente.

MM: O que é que os estudantes portugueses podem aprender com a experiência francesa?

BM: Como já referi uma nova experiência. A França pode ensinar tipos de organização como a ZAC (que foi referido) em que o dinheiro público e privado são postos em conjunto e controlados.

*Marta Modesto, Finalista do curso de Urbanismo na ULHT.

Fotos: Marta Modesto